



As representações pragmáticas científicas das montanhas e morros mineiros nos relatos de Auguste de Saint-Hilaire no século XIX

Luiz Eduardo Ferreira Martins

Universidade Federal de São João del-Rei

luizeduardoferreiramartinss@gmail.com

Resumo: O presente trabalho busca entender como as montanhas de Minas Gerais eram representadas nos relatos de viagem de Auguste de Saint-Hilaire escritos no início do século XIX. Os relatos escolhidos são Viagem às nascentes do rio São Francisco, Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e Segunda Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, escritos durante sua viagem, ao então, Reino Unido de Portugal. Destacamos a influência da tradição científica alemã do século XVIII, principalmente de Alexander Von Humboldt e sua busca pela totalidade da natureza e por entender as paisagens como detentoras de fisionomias. Nessa corrente, ciência e estética se unem para estudar o mundo natural. Dessa forma, pautados na História Cultural e munidos dos conceitos de Representação e Apropriação de Roger Chartier, analisamos as fontes em busca da percepção do autor sobre as elevações descritas durante sua viagem. Em linhas gerais, o autor apresenta uma abordagem humboldtiana das montanhas apresentando algumas permanências de abordagens vindas da tradição iluminista enciclopedista, além de novidades, principalmente contribuições para as ciências em formação como a geografia. Sua abordagem traz elementos da estética do sublime e do pitoresco, além de análises pragmáticas pautadas no potencial científico e econômico das elevações, foco desse artigo.

Palavras-Chave: Montanha; paisagem; representação; geografia; economia; natureza; ciência.

1 Introdução

O presente artigo é uma adaptação de pesquisas mais amplas¹ desenvolvidas pelo autor. O tema da pesquisa são as representações das montanhas nos relatos de viagem do naturalista francês Auguste de Saint- Hilaire, responsável por elaborar relatórios sobre suas viagens pelo interior do Brasil sob encomenda da Academia Francesa. As fontes usadas na elaboração do trabalho foram os relatos “Viagens às províncias de Minas Gerais e Rio de

¹ O texto é fruto do segundo capítulo presente na dissertação de mestrado: Montanhas e morros mineiros: as representações das montanhas nos relatos de viagem de Auguste de Saint-Hilaire (século XIX) defendida em maio de 2017, sob orientação do professor doutor Luiz Francisco de Albuquerque Miranda, professor da UFSJ (Universidade Federal de São João Del- Rei).

Janeiro, segunda viagem às províncias de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo e Viagem as nascentes do Rio São Francisco”.

Desta forma, as representações das montanhas foram instrumentalmente divididas entre “pragmáticas” e “sensíveis”. Imagens de teor emocional somadas à análise derivadas da razão científica formam o corpo dessas representações. Ambas são dimensões destas últimas, como as faces de uma moeda, presentes em um relato que busca expressar a natureza em sua totalidade.

Neste artigo, analisaremos as representações “pragmáticas” compostas por vestígios de uma linguagem técnica e científicas nas quais observamos categorias geográficas, botânicas e econômicas.

Tentaremos demonstrar como a montanha é apresentada como elemento geográfico decisivo, determinando o clima, a vegetação e as atividades produtivas. Nos relatos, as montanhas aparecem “dominando” as paisagens, pois desempenham o papel de marcos definidores do espaço.

Além da apropriação acadêmica de Humboldt e seu método racional e sensitivo, Saint-Hilaire também se apropria das referências do naturalismo das Luzes. Trata-se de um cientista com formação acadêmica, escrevendo para um público aberto, mas também para seus pares. A paisagem natural, portanto, não deixa de ser estudada como objeto científico, como conjunto de recursos disponíveis para o trabalho humano, como espaço geográfico a ser mapeada de modo racional e preciso.

Sua abordagem buscava, como aponta Pratt (1999), buscava a totalidade da natureza que implicava no controle das emoções, que deveriam ajudar a compor os relatos, mas dentro de um programa cognitivo no qual a racionalidade científica ainda tinha papel central. O relato de viagem deveria ser útil e instrumentalizar as ações humanas. Tinha um sentido geográfico e econômico. Nossa opção metodológica visa resgatar essa dimensão. Separamos o que está unido nos relatos para realizar a tarefa.

2 Sobre Saint-Hilaire: uma breve biografia

Sobre Saint-Hilaire, tendo como referência Lima (2002) e Kury (2001,2003), ressaltamos aqui alguns pontos importantes sobre sua vida e trajetória acadêmica. Nascido em Orleans em 1779, Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, conhecido como Auguste de Saint-Hilaire, era de família nobre, proprietária de terras e grande fortuna. Estudou

no colégio dos padres beneditinos de Pontlevez, França, onde dedicou boa parte do tempo ao canto gregoriano (LIMA, 2002, p. 25).

Segundo Lima (2002), desde cedo se interessou pela botânica, atividade que teve de abandonar por um período devido as consequências sofridas pela família durante o processo revolucionário. No entanto, mesmo durante o afastamento dos estudos, o francês manteve leituras que se tornaram suas maiores referências. Entre os prediletos estavam Humbolt e Bonplant. Suas publicações se multiplicaram no período que antecedeu sua viagem ao Brasil.

Suas primeiras contribuições para a ciência foram publicadas no *Bulletin de La Sociétedes Sciences Physiques*, de Orléans, no *Journal de botanique de Desvaux*, e *Bulletin de La Société Philomatique*. Em seguida, começou a preparar a história completa dos pistilos e dos frutos das plantas da França, que, no entanto, só poderia ser terminada após longos anos de viagens e observações. Assim, resolveu extrair de seus numerosos materiais uma sequência de ensaios de fisiologia vegetal (que apareceram nos *Annales* e nas *Mémoires d’Muséum d’Histoire Naturelle de Paris*). A mais notável foi a série sobre *Les plantes auxquelles on attribue un placenta central libre*, que o colocou no mesmo nível dos mais importantes botânicos-filósofos de seu tempo (Lima, 2002, p. 28).

Além da herborização, Saint-Hilaire se dedicou ao estudo do potencial curativo das plantas. A mesma preocupação pode ser percebida em seus relatos de viagem (Lima, 2002, p.28).

No final do século XVIII, segundo Kury (2003), o botânico passou a se dedicar aos ataques que a botânica recebia. A atividade era acusada de ser uma “ciência das palavras”, afirmação combatida por Saint-Hilaire que tinha a viagem científica, como principal argumento contra as acusações. Em 1811, em artigo intitulado: “*Réponseaux reproches que lesgens du monde font à l’étude de labotanique*” (Kury, 2003, p. 6), o cientista responde à acusação da botânica enquanto uma ciência das letras. No artigo, ele não só refuta essa caracterização como se posiciona enquanto entusiasta da pesquisa da dinâmica natural, ou seja, da busca da relação entre as plantas em um habitat.

Outra característica importante para a carreira do botânico foi sua capacidade de manter boas relações no meio acadêmico. Segundo Kury (2005), ele mantinha contatos com os autores e estudiosos franceses em destaque de sua época. Essas relações seriam decisivas para sua viagem ao Brasil.

Nessa época [1816], [Saint-Hilaire] tinha contatos com Antoine-Laurent de Jussieu, do Museu de História Natural de Paris, era amigo de Karl-Sigismund Kunth, preparador de Humboldt e ligara-se ao mesmerista Joseph-Philippe-

Françoies Deleuze, ajudante-naturalista e futuro bibliotecário do Museu. Era correspondente do importante botânico suíço Augustin-Pyramus de Candolle. Era próximo também de Félix Dunal, de Montpellier. Enfim, integrado ao meio científico europeu (Kury, 2003, p. 3).

Kury lembra que ele deveria mandar relatórios diretos ao museu de História Natural de Paris. Além disso, a viagem tinha importante caráter diplomático, como aponta Kury (2005). Movido pela vontade de conhecer espécies fora da Europa e autorizado pelos maios acadêmicos franceses, ele pediu autorização ao Duque de Luxemburgo, embaixador francês no Rio de Janeiro, para acompanhá-lo em sua expedição ao Brasil. A Missão Extraordinária do Duque de Luxemburgo tinha como objetivo o restabelecimento da diplomacia entre a França e Portugal depois da queda de Napoleão.

Como resultado das viagens, Saint-Hilaire, publica os livros: *Historie des plantes les plus remarquables du Brésil e du Paraguay* (1824) e *Plantes usuelles des Brésiliens* (1824-1828) (KURY, 2003, p.9). Posteriormente, em 1840, lançou a obra intitulada *Leçons de botanique*, onde reafirma suas convicções. Nesta última, ele estuda o potencial curativo das plantas brasileiras. Os três relatos que tomo como fontes também foram publicados na França em momentos diferentes, *Voyage aux Sources Du Rio de S. Francisco*: publicado em Paris em 1847 (SAINT-HILAIRE, 1975, p.10); *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*: publicada em 1830 em Paris (SAINT-HILAIRE, 2000, p. VIII) e *Livre Du Voyage que j'ai entrepris de faire de Rio de Janeiro a Villa-Rica et de Villa-Rica a S.-Paul, pour aller Chercher les 20 caisses que j'ai leissées das cette dernière ville*: originalmente publicado na França em 1887 (Saint-Hilaire, 1974, p. 4).

Após seu retorno para a França em 1822, Saint-Hilaire iniciou a publicação do material derivado dos estudos realizados no Brasil e Paraguai². Infelizmente, logo após seu retorno, voltou a sofrer de grave doença que o afetava desde a infância³. Durante nove anos, teve de parar seus trabalhos para se tratar e frequentemente era obrigado a fazer pausas para cuidar da saúde.

² *Historie des plantes les plus remarquables Du Brésil et Du Paraguay, Plantas Usuelles de sBrésiliense Flora Blasilie Meridionalis*.“Foi eleito correspondente para a seção de botânica do Instituto da França em 27 de dezembro de 1819. Em março de 1830 tornou-se membro da seção de botânica, vice-presidente em 1834 e presidente em 1835. Sua eleição à *Société Lynéenne* data de 1827. Foi professor na Faculdade de Ciências de Paris, cavaleiro da Legião de Honra, pertenceu às Ordens das Academias de Berlin, S. Petersburgo, Lisboa, C.L.C dos curiosos da Natureza, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, das Sociedades de História Natural de Boston, de Genebra, de Botânica de Edimburgo, Médica do Rio de Janeiro, das Ciências de Orléans etc.” (LIMA, 2003, p.31)

³Neurastenia.

Foi professor de botânica na Faculdade de Ciências de Paris e nomeado correspondente do *Institut de France* quando ainda estava no Brasil em 1819. Por suas viagens, foi eleito membro titular da Academia Francesa de Ciências, herdando a cadeira de Lamarck, uma de suas grandes referências. Aos 73 anos, em 30 de setembro de 1853, Saint-Hilaire faleceu nos arredores do castelo de *La Turpiniere*, vítima de ataque de apoplexia, deixando vasto legado para as ciências naturais (Lima, 2003, p. 31).

2.1 Precisão científica e pragmatismo nas representações das montanhas

Seguindo a divisão proposta acima, percebemos que os textos sobre as montanhas, em algumas passagens, chegam a ser técnicos, com o uso da linguagem profissional do especialista, fruto, segundo Ferrone (1997), da profissionalização dos cientistas no período. Em algumas passagens de Saint-Hilaire, a abordagem técnico-científica prevalece.

Antes da análise dos relatos, é importante voltar a destacar alguns pontos fundamentais. Primeiro, é de vital importância salientar mais uma vez que a ciência representava naquele contexto. No século XVIII, nota-se a necessidade de sistematização das ciências e, no XIX, esta sistematização dividiu as áreas do conhecimento. Os trabalhos de Alves e Neto (2010) e Silveira e Vitte são fundamentais para entender esse processo bem como o papel de Humboldt nele.

Entre as diferentes áreas, a botânica se encarregou de estudar as plantas e sua utilização. A geologia buscava entender a formação do solo e quais elementos o compunham, o que propiciou, por exemplo, a investigação de fósseis que revelaram a existência de animais já extintos. A geografia deveria estudar a superfície da terra bem como o relevo, o clima e seus desdobramentos. Tanto a geologia quanto a geografia estavam ligadas às montanhas, a primeira por estudar as rochas e sua formação e a segunda por tê-las como categorias do estudo do relevo, por exemplo. Assim, a passagem do século XVIII para o XIX assistiu a discussão efervescente que deu origem e forma à ciência moderna. A obra de Saint-Hilaire era parte desse contexto.

Inicialmente tratarei da abordagem que chamamos de geográfica.

2.2 Abordagens geográficas das montanhas

Saint-Hilaire descreve as montanhas com categorias que poderíamos definir como geográficas, ou pelo menos com o que viria a ser chamado de geográfico. Pensamos a montanha apresentada como referência espacial e demarcação de fronteira. A geografia, enquanto

disciplina científica tem suas bases no século XVIII e ainda buscava sua consolidação nos novecentos.

Uma breve discussão sobre a história da geografia se faz necessária para contextualizar o surgimento da disciplina e entender como os relatos de viagem contribuíram para a formação de conceitos como “relevo” e “clima”. Não é este nosso principal objetivo, porém, o estudo é necessário para pensar as representações da montanha.

A Alemanha é considerada por muitos geógrafos como um dos berços da geografia. O tardio processo de unificação do país e o desenvolvimento do capitalismo são apontados por Moraes (2005) como fatores do desenvolvimento da geografia no futuro país. Sobre a sistematização da geografia e o protagonismo alemão, Costa e Rocha (2010) fazem um estudo dos paradigmas teóricos e epistemológicos que formaram a base da produção do conhecimento geográfico, além de apresentarem um breve histórico do tema. Os geógrafos destacam o avanço da disciplina no período da expansão europeia, que necessitou de noções mais precisas a respeito das fronteiras, o que aprimorou a cartografia. No que tange o pioneirismo alemão na sistematização da disciplina, os autores afirmam que “foi na Alemanha que se encontraram as condições teóricas para a organização da geografia como ciência” (Costa; Rocha, 2010, p. 29).

O papel de Humboldt no processo de valorização e reconhecimento da geografia como campo científico é destacável:

[...] a organização da geografia como ciência parte decisivamente das obras do geólogo, botânico e naturalista alemão Alexander von Humboldt, e do filósofo e historiador também alemão Karl Ritter. Esses pesquisadores construíram os alicerces necessários para a edificação de uma geografia científica. Humboldt buscou reconhecer as relações gerais e as causas genéticas comuns entre áreas similares em diversas partes da superfície terrestre. A comparação foi sua principal contribuição. O estudo da distribuição espacial de diferentes fenômenos físicos também está entre as suas importantes investigações [...]. Foi o primeiro a fazer referência às paisagens naturais com relação a áreas de características homogêneas. (Costa; Rocha, 2010, p. 29-30).

Moraes (2005) destaca que Humboldt não estava empenhado em formular os pilares dessa nova disciplina. Ele não formulou normas claras para a geografia, porém, foi fundamental para entender a superfície da terra como parte das ciências que estudavam o *cosmos*. Para o viajante alemão, a descrição geográfica deveria ser sintética e promover a ligação entre os elementos naturais, buscando as causalidades existentes entre eles, ou seja, seria uma

ferramenta para entender a ordem oculta da natureza. Seu método do “empirismo raciocinado”⁴ foi uma grande contribuição para a disciplina. Tal método era baseado na intuição a partir da observação, valorizando a estética na contemplação.

Silveira e Vitte (2010) também destacam a importância de Humboldt e Ritter para a formação da disciplina entre o fim do século XVIII e o começo do XIX. Nos trabalhos desses pesquisadores, percebe-se o modelo de ciência em formação, que se baseava na busca da totalidade dos objetos estudados – algo que notamos também em Saint-Hilaire. Na totalidade geográfica, cada parte tem uma função. Os autores destacam que a

[...] *Naturphilosophie* alemã recobra, por esse tempo, a necessidade de se compreender a natureza em sua unidade, não como um corpo desmembrado e esquartejado sob a égide de um saber que é, antes de mais, a imposição de uma estrutura formal aos ditames da ordem natural. A *Naturphilosophie* coloca então a apresentação de uma natureza unificada, indissociável, que carrega no seu seio a força elementar pela qual se liga toda a diversidade; sob a qual se exprime todo processo de construção do espírito e do mundo (Silveira; Vitte, 2010, p. 2).

Após esse breve histórico da instituição da geografia como ciência, acreditamos ser possível entender melhor como o trabalho de Saint-Hilaire dialoga e contribui para a formação da ciência. Nas passagens sobre o relevo e o clima, nota-se a orientação das concepções de Humboldt, para quem as grandes elevações eram fundamentais para a definição territorial.

Em todo relato da viagem do naturalista francês, desde os primeiros passos no Rio de Janeiro, as montanhas aparecem como guias que orientam o deslocamento e ajudam a demarcar o território:

Disse já que uma cadeia de montanhas se prolongava ao longo do mar por uma grande extensão do Brasil, e que era coberta de matas virgens. Outra cadeia mais ou menos paralela à primeira, porém mais elevada, adianta-se para o nordeste da província de São Paulo, não deixando mais que uma distância de trinta a sessenta léguas entre ela e Cordilheira marítima: separa toda a província das Minas em duas partes desiguais, divide as águas do Rio Doce e do São Francisco, e vai perder-se no norte do Brasil. O espaço compreendido entre duas cadeias é cortado por outras montanhas que se estendem com certas partes menos desiguais, situadas na Província de São Paulo e no Distrito de Minas Novas, a região que se vai de uma cadeia a outra é completamente coberta de matas como a Cordilheira Marítima [...]. A oeste dessa cadeia

⁴A paisagem causaria no observador uma “impressão”, a qual, combinada com a observação sistemática dos seus elementos componentes, e filtrada pelo raciocínio lógico, levaria à explicação: à causalidade das conexões contidas no ambiente observado. Daí a afirmação de Humboldt: “a causalidade introduz a unidade entre o mundo sensível e o mundo do intelecto”. Pois é, ao mesmo tempo, algo existente de fato na natureza, porém só apreensível pela razão, assim, é inerente ao objeto e uma construção do sujeito (Moraes, 2005, p. 16).

ocidental, o aspecto se modifica totalmente; às montanhas sucedem colinas, as florestas virgens desaparecem e pastagens imensas se desdobram diante dos olhos dos viajantes. O terreno vai abaixando pouco a pouco até o rio São Francisco; mas, a oeste desse rio, o solo torna a reerguer pela segunda vez, chega-se a um planalto que separa as águas do mesmo rio das do Paraná. Alguns pontos desse planalto apresentam verdadeiras montanhas, tais como a Serra da Canastra e a Serra dos Pireneus; mas quando ao mais é de altitude bastante uniforme para se lhe poder dar o nome de cadeia (Saint-Hilaire, 2000, p. 41-42).

A passagem acima se encontra no relato da “Primeira viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais”. Ela introduz o relato do viajante à província de Minas Gerais. Não se trata exatamente de uma descrição da paisagem observável, ou seja, o texto não é produto da contemplação visual, pois a imagem desenhada não é captável pelo olho humano (a não ser por meio de um satélite dos nossos dias) em função de sua dimensão gigantesca. Temos aqui uma projeção global que lembra um mapa concebido na mente do cientista. Colocado na introdução do texto, orienta e referencia todo discurso posterior. É uma abordagem que definimos como geográfica. Podemos notar que Saint-Hilaire satura o texto de dados a respeito das elevações, que funcionam como o principal fator de ordenação do espaço. É muito claro o caráter referencial das montanhas. Durante todo o discurso, as Serras da Mantiqueira, da Canastra ou do São Francisco e Paraíba, aparecem como as marcas fundamentais do vasto território. Na apresentação deste último, predominam informações sobre a maior ou menor altitude do terreno, que “vai abaixando pouco e pouco” ou “torna a reerguer” de uma região para outra. Aqui, as paisagens empiricamente contempláveis são reunidas e sintetizadas em um desenho geográfico teórico, pois resulta do trabalho intelectual do cientista. As maiores elevações se destacam nas imagens produzidas pelo viajante, permitindo o mapeamento de áreas imensas. Assim elas separam as províncias e regiões, além de delinear a hidrografia.

Mas a montanha-fronteira, também se encontra nas descrições de passagens “que se apresentam aos olhos”. Descrevendo o caminho que dava acesso à Comarca do Rio das Mortes, o viajante destaca a importância da montanha no recorte da paisagem:

A paisagem que se apresenta aos olhos do viajante quando este entra na Comarca do Rio das Mortes às margens do Paraíba, tem algo que impressiona por um misto de desordem e regularidade selvagem. Por toda parte o **rio é dominado por montanhas elevadas**; como ele descreve uma volta antes de chegar ao registro, não se vislumbra por esse lado mais de seu curso, e **dá a impressão de que todo ele começa na base de uma montanha mais alta que as outras**, e cujo cume absolutamente nu contrasta com a vegetação dos morros vizinhos (Saint-Hilaire, 2000, p. 47, grifos nossos).

O texto retoma o caráter referencial das montanhas: elas “dominam” os rios e explicam suas origens e seus percursos – com metáforas, sugere-se uma espécie de hierarquia entre rios e montanhas. Notam-se também definições estéticas, como “regularidade” e “desordem”, que interferem diretamente na paisagem. Os traços montanhosos ajudam o cientista a desenhar o território para seus leitores.

Próximo de Itabira, o autor descreve as altas montanhas e reforça seu papel de localizador espacial.

A cadeia particular das montanhas de Itabira, que deve necessariamente prender-se à grande cadeia interior, apresenta declives brandos para o oriente e outros mais rudes pelo lado ocidental. Estende-se de norte a sul e a sudoeste, em uma extensão de duas léguas aproximadamente, desde o Ribeirão de Sant’Ana até o Rio do Peixe. Os **morros** de que se compõe são cruzados por oito vales principais, que a **dividem** de leste a oeste em outras tantas zonas alongadas. Dois picos muito elevados, um cônico e outro piramidal, revelam a extremidade da cadeia a dez léguas e até mais (Saint-Hilaire, 2000, p.120, grifos nossos).

Mais uma vez, uma cadeia de montanhas parece determinar o território: ela “divide” as áreas e como que desenha o mapa da região. Os “morros” também são citados como referências. Eles são entendidos como variações menores das montanhas e foram escolhidos por serem tão importantes quanto elas para a abordagem geográfica. Muitos deles também simbolizam certo “domínio” geográfico: “Imediatamente antes de chegar à Mariana passa-se por perto de uma igreja construída isoladamente no alto de um **morro que domina quase toda a cidade** e que, por sua vez, **é dominada** por outros morros mais elevados” (Saint-Hilaire, 2000, p. 78, grifos nossos). Destacamos uso do verbo “dominar”. O rio, a cidade, enfim, os territórios obedecem, no interior do discurso, os traços espaciais desenhados pelas elevações, protagonistas do mapa mental proposto pelo viajante.

A vista do alto dos cumes de morros e montanhas foi muito apreciada por Saint-Hilaire. Ele deixa claro o potencial exploratório de tais posições que, em vários momentos, ampliaram seu campo de observação. Próximo a Itajuru, nos arredores da planície onde fica a Ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens, uma montanha chamou atenção do naturalista. A contemplação despertou o desejo de explorá-la e chegar a seu cume.

[...] galgamos uma das altas montanhas que rodeiam essa planície. [...] Chegamos ao alto do pico, que parece ter a altura de 6.000 pés acima do nível do mar, descortinamos um desses panoramas imensos que impressionam muito mais pela extensão do que agradam pela beleza; **dominamos uma**

longa sequência de morros sem habitações e sem cultura, e nosso olhar procurava em vão algum ponto em que repousar (Saint-Hilaire, 2000, p. 101, grifo nosso).

O panorama visto do alto da montanha impressionou a viajante, pois possibilitava o domínio visual de “panoramas imensos”. O cume montanhoso permite uma imensa projeção geográfica. Mapear amplas regiões era um dos objetivos encomendados pelas academias e pelos governos aos viajantes, ou seja, tinha uma finalidade pragmática. A mesma perspectiva reaparece em vários outros pontos do texto: “Da montanha de Itabira, descortina-se uma vista mais extensa ainda do que aquela que se goza de Conceição. **Distinguem perfeitamente** o Morro Agudo, vizinho de S. Miguel, e Serra da Caraça afastada quatorze léguas” (Saint-Hilaire, 2000, p. 126, grifo nosso). A elevação, portanto, facilita o mapeamento claro e preciso das regiões.

Saint-Hilaire se liga a Humboldt ao explorar o potencial visual do alto das montanhas e morros. Augustin (2009) aponta a importância conferida pelo alemão às escaladas que revelam o potencial científico e estético dos cumes das grandes elevações.

Na sua segunda viagem por Minas Gerais, se dirigindo à bacia do rio São Francisco, Saint-Hilaire revisita a Serra da Mantiqueira e trata novamente da vista que seu topo possibilita:

A primeira montanha que encontrei depois de ter deixado Tomé de Oliveira, [...] tem o nome de Monte Verde, e ao cair da tarde passei pela famosa Serra da Mantiqueira, parte meridional da longa cadeia (Serra do Espinhaço). [...] Eu já tinha passado por ela quando fui a Vila Rica pela estrada comum. **Do alto da serra pude descortinar uma imensa extensão de montanhas** cobertas de matas, e em particular a Serra Negra (Saint-Hilaire, 1975, p. 45, grifo nosso).

Outro “panorama imenso” é avistado pelo botânico do alto da Serra de Pium-i, antes de chegar a Ponte Alta, caminho de sua viagem para a bacia do São Francisco. Mais uma vez, ele ressalta a extensa visão que permite mapear toda a região percorrida por ele até aquele ponto, bem como os locais ainda não visitados, como a Serra da Canastra.

Seguindo por um caminho quase sempre pedregoso e difícil, subi a serra obliquamente e alcancei finalmente o seu **cume, de onde descortinei um dos panoramas mais vastos que até então tinha oportunidade de apreciar**. A região que eu acabara de percorrer nada tivera a apresentar, na verdade, a não ser uma imensa sucessão de morros cobertos de capim quase todos, sem que nada quebrasse a sua monotonia. A que ficava do outro lado da serra, porém, era bastante mais variada. **No sopé da montanha descobri** uma fazenda encravada no meio da mata, e mais longe, à direita, vi o Arraial de Pium-i à entrada de uma planície. Finalmente, um pouco mais à direita e ainda mais

distante, avistei no horizonte a Serra da Canastra [...] (Saint-Hilaire, 1975, p. 95, grifo nosso).

O cume da montanha “descortina” e revela dimensões espaciais inacessível de outros pontos. Assim, possibilita mensurar e conhecer as grandes extensões territoriais. Nele, o cientista pode captar as diversidades e as variações geográficas.

O autor salienta a diferença entre montanha e campo. A primeira se mostra mais grave, porém, boa para a proteção contra o vento. O segundo composto por morros suaves, embora sua vegetação não pareça muito interessante. Outro ponto importante é a tentativa de demonstrar como as montanhas alteram e determinam a vegetação que nasce em seus arredores.

o deixar a região das matas pude fazer uma comparação exata entre a topografia dos terrenos onde elas [matas] florescem e a do solo da região dos campos, confirmando as ideias que eu já tinha sobre as causas de uma diferença tão pronunciada na vegetação. As florestas cobrem terrenos erçados de montanhas abruptas e escarpadas, que garantem boa proteção contra o vento. Ao mesmo tempo os riachos, que na zona montanhosa banham vales estreitos e profundos, mantém o ar constantemente fresco e úmido. Em oposição, na região dos campos os morros são arredondados e de encostas suaves, os vales que os separam são pouco profundos e os riachos pouco numerosos. Assim sendo, a seca se torna muito forte nessas regiões e os ventos correm livremente, duas causas que impedem a vegetação de se tornar exuberante. Todavia, se o flanco de um morro apresenta uma reentrância mais protegida, se um fiozinho de água banha um pequeno vale, é sempre garantido encontrar tufos ou fileiras de árvores nesses lugares [...] (Saint-Hilaire, 1975, p. 47).

Como em Humboldt, a montanha é sempre pensada em conexão com outros fatores do ambiente, interferindo na existência deles, quase sempre de maneira determinante. Ela é representada em meio à dinâmica da totalidade natural em que está inserida, mas parece ter ali papel central, ou seja, sua participação é “dominante”. Vejamos mais um exemplo dessa representação. Ao chegar a Paracatu, Saint-Hilaire faz uma das mais longas e detalhadas descrições das Serras da província de Minas Gerais, no caso, da Serra do Espinhaço. Por ser muito extensa, destacarei apenas um trecho da descrição:

Já disse em outro relato que uma cadeia de montanhas a que dão o nome de Serra do Mar se entende ao longo de uma grande parte da costa do Brasil; que uma outra cadeia quase paralela à primeira, porém mais elevada - a Serra do Espinhaço - avança mais ou menos na direção do nordeste da Província de S. Paulo, distando da cordilheira entre 30 e 60 léguas; que essa serra divide as águas do Rio Doce e do S. Francisco e vai perder no norte do Brasil; finalmente, que a oeste dessa serra o terreno vai em declive até quase às margens do S. Francisco mas que, ainda do lado ocidental, as terras tornam a elevar-se de novo até alcançarem uma cadeia que separa as águas desse rio

das do Paranaíba. É essa última cadeia que, do lado oriental, separa a Comarca de Paracatu da do Rio das Mortes ou de S. João Del Rei e, do lado ocidental, da Província de Goiás. Consequentemente, ela se interpõe entre as duas partes da comarca, a do nordeste e a do sudoeste, e é aí que entra a linha figurada pelas casas diagonais de um tabuleiro de xadrez. Essa cadeia continua na direção do sul, já que entre a Serra da Canastra, que fez parte dela, e as montanhas da Serra do Rio Grande só existe um desfiladeiro de pequena extensão (Saint-Hilaire, 1975, p. 114).

Mais uma vez, a serra “separa” e “divide” imensas regiões, ou seja, determina e demarca o território. Mais uma vez, a dimensão abordada não pode ser observável pelo olho humano e o texto é uma projeção intelectual que mapeia o Brasil, ou seja, é um produto do cientista. Por meio de sua descrição, o leitor consegue imaginar as grandes cadeias que cortam províncias e definem as fronteiras. As direções são indicadas fazendo uso das montanhas como ponto de referência. Os rios compartilham com elas o papel de distinguir as regiões, mas seus cursos parecem determinados pelas montanhas. A serra é o elemento cartográfico decisivo.

Na “Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo”, o autor parece mais cansado. De partida para a França, fez a segunda viagem no intuito de resolver algumas pendências. No entanto, a abordagem geográfica reaparece em vários momentos, mas em notas curtas. Passando por São José (atual Tiradentes), ele descreve a Serra de mesmo nome: “Em grande parte do caminho viajamos paralelamente à Serra de S. José cujo cume apresenta uma plataforma bastante uniforme e os flancos, cortados a pique, não oferecem senão rochedos semi-escalvados” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 42). Este tipo de nota objetiva, apenas para localizar o leitor, se repete em outros pontos do texto, como na sua passagem por Carrancas: “Paramos, a pouca distância da raiz da Serra, numa fazenda que pertence à mesma família dos donos da Cachoeirinha” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 48). De qualquer maneira, as montanhas, mesmo com a brevidade dos apontamentos, continuam como marcos do território.

2.3 A montanha e a botânica.

O presente tópico abordará como as imagens das montanhas dialogam com as ciências naturais, em especial a botânica. Saint-Hilaire, como acadêmico, absorveu os padrões científicos da passagem do século do XVIII para o XIX. São padrões fundamentais na criação das representações das montanhas. De maneira constante, suas obras traçam a relação entre montanha e vegetação. Como sempre, a totalidade da natureza de Humboldt foi decisiva para Saint-Hilaire.

Na “montanha do cientista” todo detalhe é significativo, pois afeta o conjunto do ambiente. Embora retratada como quadros, as paisagens não são estáticas. O movimento deve ser captado pelo observador humboldtiano. O ato de coletar, dissecar e analisar cada espécie vem acompanhado dos sentimentos do observador. Esse é um dos sentidos da totalidade almejada pelos trabalhos inspirados pelo naturalista alemão, pois a representação da paisagem em movimento vivo, *in loco*, possibilitaria a percepção do que ele chamava de “organismo terrestre”, a “integração das forças naturais” que afeta os seres. (BELLUZZO, 1994, p. 22).

Saint-Hilaire, assim como Humboldt, rompe com os chamados naturalistas de gabinete por entender a viagem como etapa indispensável no estudo da natureza. Estar *in loco*, presenciando a natureza movida pelas forças ocultas do ambiente natural, incapazes de serem apalpadas pela mão humana, era um dos princípios do novo modelo de ciência que nascia no início do século XIX.

Analisaremos aqui as passagens em que o viajante expõe seu trabalho de herborizar nas montanhas e, junto com a análise do solo e do clima, reflete sobre a formação da vegetação. Portanto, nas passagens a seguir, sua linguagem é mais técnica, com uso de nomes científicos, por exemplo.

Parece óbvio que um botânico atente para as plantas ao visitar montanhas. Porém, pretende-se destacar como ele considerou o papel delas na formação da flora, recorrendo aos referenciais humboldtianos. Mais uma vez, nota-se o protagonismo das elevações nas análises do autor.

Dos três relatos analisados, “Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais” apresenta as passagens mais expressivas a respeito do tema. O relato contempla o início da viagem do naturalista pelo país, que ocorreu entre 1816 e 1822, quando ele manifesta maior atenção e sensibilidade para com a natureza brasileira. O interesse em estudar as especificidades da flora é marcante nesse primeiro momento. Nos relatos de final de viagem, ele se dedica a anotar somente o que omitiu anteriormente. No texto, a altitude e o solo da montanha determinam a presença e a evolução das espécies.

No início da viagem, portanto, indo do Rio de Janeiro para Minas Gerais, próximo de Benfica, ele se depara com a Serra da Viúva. A vegetação dessa elevação chama sua atenção:

Após atravessar o Vale Das Pedras, encontramos a montanha que se chama Serra da Viúva, e que é menos elevada do que a que acabávamos de descer. Acima do caminho, na encosta da montanha, vi pela primeira vez uma reunião considerável de fetos arborescentes, plantas que até então não observara senão em pés isolados. Esses fetos atingiram trinta ou quarenta pés; seu caule reto,

cilíndrico, perfeitamente uniforme em todo o comprimento, tinha as marcas de antigas folhas; podia medir de três a cinco polegadas de diâmetro, e se terminava por um tufo de folhas muito longas, que, se erguendo a princípio numa direção quase reta, curvaram-se em seguida com elegância. Palmeiras elegantes misturavam-se aos fetos arborescentes, que tanto se lhes assemelham pelo conjunto das formas, mas se distinguem, no entanto, por serem geralmente menores, e terem a folhagem recortada. Como esses vegetais nascem nos flancos da montanha em alturas diferentes, suas folhas se achavam geralmente confundidas, e tal mistura diminuía em cada espécie o que a constância dessas formas tão pronunciadas teria de excessivamente monótono (Saint-Hilaire, 2000, p. 24).

Na montanha, o viajante observa uma combinação vegetal peculiar, ainda não contemplada. Atenta para a altura e para a forma das espécies e constata como a altitude da montanha influencia a constituição das plantas. Mais uma vez, a elevação é tratada como elemento definidor das características do ambiente natural. O texto registra passagens de tom mais emotivo (as palmeiras são “elegantes”, por exemplo), mas as comparações morfológicas e as medições prevalecem no discurso, na linha do enciclopedismo ilustrado. A surpresa com a configuração vegetal se repete em vários momentos no relato, deixando transparecer certo entusiasmo do naturalista.

Após passar por Juiz de Fora, o viajante, em tom mais emotivo, se maravilha com a vegetação das encostas dos morros que rodeiam o lugar, pois identifica a presença de bambus que até então só havia localizado em matas fechadas. Encontrá-los em montanhas foi novidade para Saint-Hilaire.

Até então não encontrara bambus senão em meio de florestas virgens, misturados às grandes árvores: mas encontrei os morros vizinhos ao local chamado Acaide-Mor, cobertos quase unicamente dessas ervas gigantescas. Antes mesmo de ter podido reconhecê-las, já de longe me ferira a vista o aspecto aéreo da vegetação que percebia sobre as colinas; experimentei um verdadeiro encanto quando vi de perto essas florestas de gramíneas com a altura, talvez, de quarenta a sessenta pés, que, curvadas em arcadas elegantes, se cruzaram em todos os sentidos, entremeavam seus imensos panículos, e deixavam entrever o azul do céu através das folhas estendidas como uma tapeçaria ao ar livre e sustentadas por semi vertículos de folhas delicadas (Saint-Hilaire, 2000, p. 52).

Aqui a apropriação de Humboldt é notável, pois o viajante relata os sentimentos que a vegetação lhe proporcionou. A análise técnica está presente, mas a emoção ao se deparar com essa surpreendente paisagem montanhosa é claramente anunciada. Vemos essa variação entre passagens mais emotivas ou mais técnicas ao longo de todo texto.

Próximo a ermida de Nossa Senhora Mães dos Homens, já citada anteriormente, ao subir a montanha, ele faz uma apurada análise da vegetação e se entusiasma não só com a vista:

Encontrei, entre outras, algumas plantas da família das ericáceas; várias umbelíferas de folhas simples; grande número de *erocailons*; duas ou três espécies de *vellozia*; uma surpreendente variedade de melastomáceas de folhas pequenas; uma soberba utriculária de flores róseas quase do tamanho das do *antirrhinum majus*, uma apocinácea de corolas quase tão grandes como as do *nerium oleander*; uma *drosera* de folhas lineares, que cresce em um lugar bastante seco, bem no alto da montanha [...]. Voltei à ermida com setenta espécies de plantas que ainda não possuía, e passei a noite a descrever as partes mais delicadas de grande número delas, ao clarão avermelhado de uma lâmpada fraca (Saint-Hilaire, 2000, p. 101).

O texto descreve o viajante praticando seu ofício de botânico. É papel do homem da ciência explorar a montanha com precisão e torná-la conhecida em todos os seus aspectos. É possível notar a minúcia da descrição da coleta, a busca de apresentar o maior número de detalhes. Aqui, a montanha encanta por conter espécies em grande quantidade. Não se trata apenas de contemplar, o cientista deve investigar, esmiuçar e tipificar suas descobertas. Os nomes técnicos se embaralham com expressões do entusiasmo do autor.

Pouco antes de chegar a Itambé, o autor relata mais uma coleta de espécies. A região é baixa, mas seu solo se parece com o da Serra da Caraça:

Nas terras argilosas crescem grandes bosques; na arenosa, apenas uma vegetação rara e enfezada, mas, ao mesmo tempo muito variada; e o que é muito notável, toda essa vegetação é quase a mesma da parte mediana da montanha elevada em que herborizei na Serra da Caraça, montanha cujo solo é igualmente formado de areia branca e negra (Saint-Hilaire, 2000, p. 129).

A montanha é investigada a partir de vários aspectos, é tratada como ente composto de elementos que se conectam e interagem para formar uma unidade ecológica. Busca-se identificar padrões a partir de dados empíricos que podem parecer desconexos, em busca de explicações científicas para as semelhanças, mais uma característica do enciclopedismo ilustrado.

Mesmo existindo semelhanças entre áreas altas e baixas, o viajante destaca o fato de certas espécies serem específicas das montanhas. Entre Sumidouro e Conceição o autor analisa a vegetação que encontra no cume de um morro:

Encontrei algumas lindas melastomáceas no meio do capim-gordura. Essa exceção é bastante notável, indubitavelmente; mas parece que se reproduz frequentemente nos lugares elevados, e, se o capim gordura aí se consegue

introduzir, não se apodera, todavia, completamente do terreno; é, pelo menos, o que observei ainda por ocasião do regresso, na grande cadeia ocidental de Congonhas, e o que também observei na localidade chamada Mato Grosso, além de Conceição [...]. Essa espécie é comum em várias partes da Província das Minas (Saint-Hilaire, 2000, p.134-135).

A análise comparativa, em linguagem objetiva e precisa, possibilita a identificação dos padrões de desenvolvimento da flora. É mais um exemplo da montanha do cientista que, por meio de referenciais ilustrados, consegue diferenciar a vegetação de acordo com seu habitat. Segundo Lisboa (1997), essa orientação científica, que se apropria da tradição dos naturalistas das Luzes⁵, enfatiza a descrição detalhada dos vegetais, o que permite comparações com espécimes de outras regiões.

O ambiente e suas interações também interessam a Saint-Hilaire. Ao explicar as causas da inexistência de florestas, tema caro ao autor, ele expõe o jogo dinâmico de relações que caracteriza sua análise dos fenômenos naturais:

A primeira [causa] é a natureza do solo, que, quando fértil, dá nascimento a matas, porém, que se tornando em certos lugares pedregosos, saibrento ou ferruginoso não produz se não arbustos e subarbustos, como dei exemplos palpáveis em Itambé e no Morro Pelado. Nesse caso, os campos têm pequena extensão, a vegetação é, em geral, mais variada, e apresenta menor número de plantas características. A segunda causa da desapareição das florestas é uma diferença na superfície do solo e a falta de umidade. Quando os morros são bastante elevados e terminados por cristas, quando são separados por vales estreitos e profundos, abrigam-se reciprocamente, e a força dos ventos não se faz sentir. Os regatos, sempre multiplicados nesses terrenos montanhosos, contribuem para desenvolver a vegetação, que favorecem ainda os fragmentos de troncos e de galhos sem cessar acumulados e reduzidos a terra vegetal. Pelo contrário, quando os morros são separados por vales pouco profundos, quando apresentam seus cumes achatados em vastas planícies, em que o vento não encontra obstáculo, quando a terra não é refrescada por nenhum córrego, não é possível que a vegetação adquira grande vigor, por melhor que seja a qualidade do solo. O que prova a verdade dessa asserção é que, nos flancos dos morros terminados em tabuleiros ou chapadas, as plantas, como já o disse, adquirem mais força à medida que se aproxima do vale; é que, se uma montanha coberta de carrascos apresenta em suas encostas alguma anfractuosidade onde a umidade se possa conservar, e, onde as vegetais estejam ao abrigo dos ventos, encontram-se aí sempre árvore, e estas ostentam tanto maior vigor quanto mais profundas são as gargantas (Saint-Hilaire, 2000, p. 202).

⁵ Além da apropriação acadêmica de Humboldt e seu método racional sensitivo, Saint-Hilaire também se apropria das referências do naturalismo das Luzes. Trata-se de um cientista com formação acadêmica, escrevendo para um público aberto, mas também para seus pares. A paisagem natural, portanto, não deixa de ser estudada como objeto científico, como conjunto de recursos disponíveis para o trabalho humano, como espaço geográfico a ser mapeada de modo racional e preciso.

O naturalista não está descrevendo nenhuma paisagem específica, mas propõe uma teorização das relações causais entre os fenômenos a partir de vários dados coletados pela observação empírica. Como no mapeamento dos espaços, a busca da totalidade se articula no esforço de transcender a simples descrição e chegar a generalizações controladas pela razão científica, ainda que abertas à intuição do naturalista. Na passagem acima, o viajante argumenta no sentido de definir relações necessárias entre os elementos naturais. Investiga determinações que possibilitem generalizações científicas úteis. Abarca o movimento da natureza como um organismo. Porém, a argumentação lógica e precisa a partir de dados empíricos, parece ser mais decisiva do que a intuição ou o sentimento do naturalista. Por outro lado, a montanha, mais uma vez, aparece atuando como determinante na constituição das plantas, seja por sua altitude, seja pelo solo. Clima, solo e montanha articulam-se na determinação da vegetação.

Dessa forma, ilustramos os elementos da interação vegetação/montanhas presente nos trabalhos do viajante. Uma das teses fundamentais de Saint-Hilaire é que a interação de elementos como o clima, a temperatura, a altitude e o solo interferem na vegetação.

2.4 Abordagens econômicas das montanhas

Investigaremos aqui as análises de Saint-Hilaire sobre o potencial econômico das montanhas. São passagens em que o viajante indica possibilidades de exploração desses lugares em prol da agricultura, pecuária e extração de minério. Recorrendo a várias áreas de saber, propõe técnicas que acredita serem mais eficientes e menos nocivas aos ambientes naturais.

Apresentaremos poucos trechos, porém, muito significativos. Os que tratam da mineração são predominantes e se concentram basicamente nos textos da primeira viagem para Minas. Os que analisam a interferência da altitude na agricultura e pecuária se encontram no relato da viagem ao rio São Francisco e da segunda viagem a Minas Gerais.

Iniciaremos com a mineração. É sabido que a exploração do ouro foi fundamental para a formação da província no decorrer do século XVIII. As montanhas foram fontes de metais e por isso muito exploradas, sendo erodidas e escavadas. Essa atividade modificou sua aparência, o que é percebido pelo viajante quando se depara com morros e montanhas trabalhados por mineradores.

Em Matias Barbosa, Saint-Hilaire nota que muitos recursos oferecidos pelas montanhas não foram aproveitados:

Os mineradores faziam grande consumo de ferro; mas, embora caminhassem sobre montanhas que são quase completamente constituídas dele, foram condenados a não entregar senão ferramenta de procedência portuguesa, e, pela maneira por que se estabeleceram os impostos de Matias Barbosa, o ferro foi, por motivo do seu peso e pequeno valor, uma das mercadorias que mais pagaram (Saint-Hilaire, 2000, p. 50-51).

O trecho salienta a precariedade das atividades econômicas desenvolvidas nas montanhas, que mesmo com a intensa exploração do ouro, continuavam a conter riquezas intactas.

Outro momento do relato da primeira viagem que destacamos é a análise do viajante sobre os tipos de extração de ouro praticados em Minas Gerais: a mineração de morro e a mineração de cascalho.

Distinguem-se em geral, no Brasil, dois modos principais de mineração, palavra que indica a exploração das jazidas de ouro, considerada segundo a maneira por que se apresentam. Esses modos são a mineração de morro e a mineração de cascalho. Qualquer jazida em exploração se designa sob o nome de lavra, e podem-se distinguir as lavras segundo sua maneira de mineração. Quando se trata de mineração de montanha, isto é, quando o ouro não saiu do jazigo natural, os mineiros, em sua linguagem, reconhecem duas espécies de formações, a formação de areia, e a formação de pedra, conforme o metal se encontra encerrado em matérias divididas ou compactos, qualquer que seja, quando ao mais, a natureza dessas matérias. O ouro se encontra, quer à superfície, quer no interior dos morros, ora em pó, ora em grãos, ora as palhetas, ora em lâminas pouco espessas, de maior ou menor tamanho, muito raramente em pedaços de volume considerável (Saint-Hilaire, 2000, p. 110).

Na passagem vemos uma descrição técnica minuciosa da “montanha provedora”. Como em outros momentos, o texto ganha um tom neutro e objetivo, a abordagem é pragmática, sem espaço para os sentimentos do observador. O interesse concentra-se nas formas de obter ouro, seja em pequenas pedras ou em pó. O viajante busca produzir um conhecimento útil que indique os recursos da economia colonial. A montanha é pensada como fonte de múltiplas riquezas e não apenas de ouro: “O ferro das montanhas de Minas Gerais pode de certo modo se considerar inesgotável” (Saint-Hilaire, 2000, p. 127). Para o viajante, não basta apresentar de modo detalhado as atividades econômicas já existentes, ele se propõe a identificar e projetar outras maneiras de aproveitar os recursos naturais. Além de descrever o presente, procura dimensionar o futuro dos lugares visitados. Acompanhando a tradição enciclopédica das Luzes, o autor propõe-se a diagnosticar as potencialidades produtivas e comerciais das paisagens descritas.

Outros trechos de análise econômica atestam o mesmo pragmatismo, mas com um leve toque emocional. É o caso da análise da produção de leite nas regiões montanhosas de Minas Gerais. Saint-Hilaire, com discreta nostalgia, compara o leite mineiro com o leite produzido na França. Os ótimos pastos são apontados como decisivos para essa excelência. Note que a montanha participa diretamente da economia da província, fato que não passou despercebido pelo viajante. “Alimentadas em excelentes pastagens, as vacas que ainda estão com cria dão um leite quase tão cremoso quanto o das nossas montanhas de Auvergne” (Saint-Hilaire, 1975, p. 52). Próximo a Carrancas, no Rancho de Traituba, ele salienta mais uma vez a qualidade dos pastos e equipara a qualidade do leite com a produção de sua terra natal. “Alimentadas em ótimos pastos, as vacas dão leite quase tão rico em nata quanto o das nossas montanhas” (Saint-Hilaire, 1975, p. 48). Ou seja, existe para ele um padrão que tem como referência o leite produzido nas montanhas da França e o leite mineiro se aproxima dele. A terra natal do viajante oferece os termos da comparação.

As potencialidades da América portuguesa sempre são mapeadas pelo naturalista. No relato da viagem de Araxá para Paracatu, o botânico novamente se mostra atento ao papel da montanha na pecuária. Destaca a importância da água mineral em regiões onde se encontra pouco sal. Os sais encontrados na água substituem o sal na alimentação do gado. “Essa região goza de uma grande vantagem. A cinco léguas de Guarda-Mor encontram-se na serra águas minerais que, como as de Araxá, de Salitre e da Serra Negra, substituem o sal para o gado” (Saint-Hilaire, 1975, p. 142).

Na região da Serra de Ibitipoca, novamente os pastos do alto dos morros são destacados pelo autor: “Os pastos que cercam o monte e, em geral, todos os que cobrem aquelas montanhas são de ótima qualidade e poderiam alimentar prodigiosa quantidade de animais” (Saint-Hilaire, 1974, p. 34). Na Fazenda da Cachoeirinha ele torna a destacar a qualidade dos pastos. “A região montanhosa, oferecendo excelentes pastagens nos cumes e capões de mata nas baixadas” (Saint-Hilaire, 1974, p.46). Note-se a preocupação em diagnosticar a variedade de possibilidades econômicas oferecidas pelas áreas montanhosas. Uma verdadeira geografia econômica está presente nos relatos.

A montanha, entretanto, nem sempre favorece a atividade econômica. A altitude e o clima frio de certas regiões podem atrapalhar a produção de certas culturas. Em Aiuruoca, na serra de mesmo nome, o viajante destaca como o clima das elevações influi na produção de café e algodão.

Os arredores de Carrancas e Aiuruoca são muito altos, o café ali sofre com a geada todos os anos; açúcar e algodão não vão por diante. Entretanto, pode colher-se um pouco de café se se escolher lugares altos para plantá-lo. Esta diferença que à primeira vista parece um pouco esquisita é devido ao fato de haver menos umidade nesses lugares, por conseguinte serem eles menos sujeitos à geada [...]. Cultivou-se com êxito o trigo na Serra de Aiuruoca, mas os que se entregavam a esta cultura a ela renunciaram, pois a ferrugem, que por longo tempo respeitara suas plantações, acabou por lhe fazer grandes estragos (Saint-Hilaire, 1974, p. 55).

Na abordagem científico-pragmática das montanhas a identificação das potencialidades e problemas econômicos ocupa posição central. A ciência não tinha apenas um sentido contemplativo, precisa ser útil, orientar os homens no seu esforço de dominar a natureza. Ciência e economia andavam juntas.

3 Conclusão

Tendo exposto as representações pragmático científicas das montanhas, fica clara a preocupação do autor em escrever relatos que instrumentalizem o aproveitamento das regiões descritas, favorecendo o trabalho humano e a acumulação de capital. Nos trechos analisados, a principal preocupação do autor é mostrar a utilidade da montanha. Neles, a natureza, além de deslumbrante ou desoladora, é também fonte de recursos, espaço a ser dominado e explorado pelo homem – é objeto de sua ação. O olhar científico-pragmático prevalece. Porém, em outras passagens do relato não tematizadas neste estudo, as emoções ganham maior relevo. O relato de viagem se permite essas oscilações discursivas.

A montanha, para Saint-Hilaire, é parte da totalidade natural, mas parecem “dominar” o relevo em que está inserida. Cada elemento da natureza tem seu papel no cosmos, mas a montanha apresenta uma função geográfica determinante, delineadora dos grandes espaços geográficos. Sua função é nitidamente destacada pelo naturalista. Ela é decisiva para as condições climáticas, o que acaba definindo as atividades econômicas. Por desviar o vento ou impedir a passagem da luz, modifica a vegetação. Ela também desenha o curso dos rios. Eis alguns exemplos que ilustram a importância da montanha para o ambiente.

Acima de tudo, Saint-Hilaire representa a montanha como um marco geográfico que delimita o espaço natural e, por consequência, o político⁶. Como apresentado, a montanha, no discurso do viajante, traça as grandes linhas do território, oferecendo as principais

⁶ Ponto não priorizado pelo autor, mas considerado importante.

referências para a localização das regiões. Ela guia, indica o caminho, separa o litoral do interior. A montanha representa o marco que orienta a razão científica ao aventurar-se na imensidão das terras americanas.

Referências

ADES, Dawn. **Arte na América Latina: a era moderna, 1820-1980**. Cosac & Naify Edições. São Paulo, 1997.

ADES, Dawn. **Os artistas viajantes, a paisagem e representações do Brasil**. In: O Brasil redescoberto. Catálogo de exposição. Paço Imperial/ Minc. IPHAN. Patrimônio Contemporâneo. Rio de Janeiro, setembro/ novembro de 1999.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. [L'arte moderna: dall'illuminismo ai movimenti contemporanei]. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

AUGUSTIN, Günther. **Literatura de viagem na época de Dom João VI**. Belo Horizonte. UFMG, 2009. (Humanistas).

AUGUSTIN, Günther. Um novo viajante na literatura de viagem. **Revistas USP: Linha D'água**. n° 19 (2006). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37290>. Acesso: 10 jan. 2023.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes: um lugar no universo**. Vol. II. São Paulo/Rio de Janeiro, Metalivros/ Objetiva. 1994.

BELLUZZO, Ana Maria. O viajante e a paisagem brasileira. **Revista Porto Alegre**, V.15. n° 25, novembro/2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/10514>. Acesso em: Janeiro de 2023.

BRITO, Altair Gomes. **As montanhas e suas representações através dos tempos: buscando significados**. Tese de Mestrado defendida em Março/2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp148962.pdf>. Acesso em novembro de 2013.

BRITO, Altair Gomes. As montanhas e suas representações: buscando significados à luz da relação homem-natureza. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 8 n.1 Primeiro

Semestre. 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/500/50080101.pdf>. Acesso em: agosto de 2016.

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. São Paulo: Papirus, 1993.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras Revista de História**, vol. 13, NO. 24, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>. Acesso em: Março de 2017.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL/Editora Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. **Geografia**: conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares. *GEOMAE*, Campo Mourão, PR v.1, n. 2, p.25 - 56 2ºSem. Disponível em: http://www.nemo.uem.br/artigos/geografia_conceitos_e_paradigmas_fabio_costa_marcio_rocha.pdf. Acesso em: 28 de março de 2016.

COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. A arte de viajantes: documentadores a artistas viajantes. Perspectivas de um novo gênero. **Revista Porto Arte**: Porto Alegre, v 15, nº 25, novembro/ 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/10537>. Acesso em: janeiro de 2017.

DIENER, Pablo. Reflexões sobre a pintura de paisagem no Brasil no século XIX. **Perspective: actualité en histoire de l'art**, 2/2013. Disponível em: <https://perspective.revues.org/5542>. Acesso em: janeiro de 2017.

FERRONE, Vincenzo. **O homem de ciência**, in: VOVELLE, Michel (Dir.). O homem do iluminismo. Lisboa: Presença, 1997.

KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. **Intellèctus** (UERJ), Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, p. 1-11, 2003. Disponível em: <http://www.intellectus.uerj.br>. Acesso em janeiro de 2023.

KURY, Lorelai; SÁ, Magali Romero. **Os três reinos da natureza**. In: O Brasil redescoberto. Catálogo de exposição. Paço Imperial/ Minc. IPHAN. Patrimônio Contemporâneo. Rio de Janeiro, setembro/ novembro de 1999.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. VIII (suplemento), 863-80, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a04v08s0.pdf>. Acesso em janeiro de 2023.

LEITE, Miriam Moreira. (1995). Naturalistas viajantes. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, 1(2),7-19. doi: 10.1590/S0104-59701995000100002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v1n2/a02v1n2.pdf>. Acesso em janeiro de 2023.

LIMA, Maria Emília Amarante Torres. **As caminhadas de Auguste de Saint-Hilaire pelo Brasil**. Autêntica, Belo Horizonte, 2002.

LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. v.1.

MACFARLAINE, Robert. **Montanhas da mente**: a história de um fascínio. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MARTINS, Roberto Borges. **A transferência da corte portuguesa para o Brasil**: Impactos sobre Minas Gerais. Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira [Proceedings of the 13th Seminar on the Economy of Minas Gerais], 2008. Disponível em: <https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2008/D08A146.pdf> Acesso em janeiro de 2023.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. R. RA'E GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Annablume, 2005. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BwtM-gR4Shl2ZXIKd3RHcXZRUEd5QUhZaWtTb1d3Zw/view>. Acesso em: Março 2016.

POLETTE, Marcus. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. **Turismo - Visão e Ação** - ano 2 - n.3 - p.83-94 abr/set -1999. Disponível em: <http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1190/946>. Acesso em Setembro de 2016.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc. 1999.

RIBON, Michel. **A arte e a natureza**: ensaios e textos. Campinas: Papirus. 1991. (Filosofar no presente).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo: 1822**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do rio São Francisco**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1975.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Isadora Eckardt. A perspectiva científica da literatura de viagem do século XIX: Auguste de Saint-Hilaire. **Revista Estação Literária**, v. 4, p. 7, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL4Art7.pdf>. Acesso em janeiro de 2023.

The pragmatic scientific representations of the mountains and hills of Minas Gerais in the reports of Auguste de Saint-Hilaire in the 19th century

Abstract: The present work seeks to understand how the mountains of Minas Gerais were represented in the travel accounts of Auguste de Saint-Hilaire written in the early nineteenth century. Minas Gerais and São Paulo, written during his trip to the then United Kingdom of Portugal. We highlight the influence of the German scientific tradition of the eighteenth century, especially Alexander Von Humboldt and his search for the totality of nature and for understanding landscapes as having physiognomies. In this current, science and aesthetics come together to study the natural world. Thus, based on Cultural History and armed with the concepts of Representation and Appropriation of Roger Chartier, we analyze the sources in search of the author's perception of the elevations described during his trip. In general, the author presents a Humboltian approach to the mountains presenting some permanences of approaches coming from the encyclopedic Enlightenment tradition, as well as novelties, mainly contributions to the sciences in formation such as geography. His approach brings elements of the aesthetics of the sublime and the picturesque, as well as pragmatic analyses based on the scientific and economic potential of elevations, the focus of this article.

Key words: Mountain; landscape; impersonation; geography; economy; nature; science.

Recebido: 8 fevereiro 2023

Aprovado: 10 julho 2023